

III Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Temuco, 1998.

De Bêbados, Doentes e Criminosos: Corpo e História do Povo Yurok.

Mariana Kawall Leal Ferreira.

Cita:

Mariana Kawall Leal Ferreira. (1998). *De Bêbados, Doentes e Criminosos: Corpo e História do Povo Yurok*. III Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Temuco.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/iii.congreso.chileno.de.antropologia/13>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbr/Ec7>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

De Bêbados, Doentes e Criminosos: Corpo e História do Povo Yurok

Mariana Kawall Leal Ferreira*

Resumo

Os Yuroks do norte de Califórnia concebem o corpo enquanto superfície onde mudanças sociais e ambientais são inscritas. Mulheres Yurok atribuem a alta incidência de doenças degenerativas dependência de drogas psicoativas e crescente criminalidade à violência e à brutalidade dos conquistadores espanhóis, caçadores de peles, garimpeiros e à política indigenista do governo norte-americano. Este artigo analisa oito gerações de dezesseis famílias extensas Yurok, mapeando mudanças ocorridas nas relações sociais e nas práticas políticas do povo.

O trabalho aborda as transformações do conhecimento na constituição das ciências naturais e sociais, e o impacto da Antropologia Médica Crítica, que valoriza a correlação entre corpo e história. Antropologia Histórica de Marshall Sahlins (1985, 1995), a teoria dos três corpos de Scheper-Hughes e Lock (1987) e o método genealógico de Foucault (1977) mostram como os eventos têm o poder de inscrever memória nos corpos dos indivíduos. É a partir de um conjunto transcultural de práticas híbridas e interdisciplinares, que a imagem que os Yuroks constroem do próprio corpo pode ser melhor compreendida.

Relacionamentos humanos estão no âmago da percepção atual que as mulheres Yurok têm do corpo. O auto-conhecimento dessas mulheres - o conhecimento que constroem a respeito de si próprias - e especialmente as maneiras pelas quais dão sentido ao corpo e compreendem as enfermidades, são revelados por meio de relações sociais com a família, autoridades governamentais, navegadores estrangeiros, profissionais de saúde, antropólogos a população mais ampla do norte da Califórnia. Associações que mulheres Yurok estabelecem entre

coisas aparentemente desconexas, como acontecimentos da vida diária, histórias, práticas, idéias, desconfortos físicos e emoções, acrescentam outra dimensão a estudos de parentesco na Antropologia e ao estudo da genética humana. Dezesseis genealogias Yurok traçadas para um estudo sobre a política de saúde entre os Yuroks (Ferreira 1996) dão suporte para a presente argumentação. Delineiam conexões intrínsecas entre a classificação de doenças e valores da família norte-americana: a distribuição da terra e transformação da alma e da conduta do "índio"; a circulação de bens, serviços bebidas alcoólicas e medicamentos, e a noção de civilização; e práticas militares e um conhecimento peculiar sobre o corpo humano.

O corpo, aqui, é considerado simultaneamente enquanto artefato político e cultural, produzido natural e culturalmente, e firmemente ancorado no momento histórico específico (Scheper-Hughes e Lock 1987: 7). Meu objeto de estudo é a relação entre história e corpo, ou, em outras palavras, as relações entre as dimensões individuais, sociais e políticas do corpo Yurok.

Os modos pelos quais homens e mulheres Yurok (com quem trabalhei durante a pesquisa de doutorado no norte da Califórnia, de 1994 a 1996) mapeiam as linhas de vida transcendem as associações comumente traçadas entre "herança indígena" e diabetes, alcoolismo, obesidade e vida sedentária.

Homens, e mulheres Yurok, de idades e profissões variadas, correlacionam a manifestação de sinais e sintomas de várias enfermidades, incluindo a diabetes mellitus do tipo II, a momentos traumáticos de suas vidas. Entre estes momentos estão incluídos mudanças de profissão, arranjos de casamento, situação econômica, violência doméstica e morte prematura. Para construir as genealogias que apresento, os Yuroks

*Doctora en Antropología, Universidad de California, U.C.L.A.

Profesora del Departamento de Antropología, Universidade de São Paulo, Brasil.

usaram um filtro patológico, na tentativa de apontar para os diferentes contextos de origem da “doença”. As histórias de vida falam de infortúnios, eventos traumáticos, violência e desespero. Diabetes, hipertensão, depressão, dependência de drogas psicoativas, alcoolismo e violência doméstica aparecem lado a lado com o confinamento em internatos, prisões de segurança máxima, sanatórios, orfanatos, guerras, etc. As tabelas genealógicas correlacionam, portanto, de maneira resumida, estas experiências traumáticas no âmago de famílias extensas Yurok⁽¹⁾

Saraha Tsurai, Mary Wo'tek e Julia Stowen são três mulheres Yurok cujas histórias de vida estão retratadas neste ensaio. As genealogias das respectivas famílias extensas datam de meados do século XIX, quando o ouro foi descoberto no norte de Califórnia.

SARAH TSURAI - “Casar com um branco é um símbolo de status”

Vejamos como Saraha Tsurai articulou as manifestações físicas aos respectivos contextos sociais. Nascida em 1932, casou-se com um chofer caminhão, não-indio, com quem teve três filhos, sendo dois meninos e uma menina. Aos 40 anos de idade, após o divórcio, a mulher começou a trabalhar como secretária e acabou envolvendo-se com atividades políticas no norte da Califórnia. O nome de Sarah pode ser encontrado em vários processos judiciais envolvendo a Yuroks e o governo dos Estados Unidos. Hoje ela é integrante de várias organizações de direitos e saúde indígenas. Sarah e eu nos encontramos de duas a três vezes por mês entre 1994 e 1996, na casa dela no norte de Califórnia, em eventos sociais patrocinados pelos Yuroks e pela United Indian Health Services em Trinidad - o centro de saúde que Sarah procurava para tratar a diabetes.

Como a maioria das crianças Yurok nascidas na primeira metade do século XX, a mãe de Sarah Tsurai, Dolores Tsurai, passou oito anos confinada num internato para índios do governo norte-americano. Depois disso, passou a trabalhar de 12 a 14 horas por

dia na indústria pesqueira, enlatando salmão. Dolores foi das primeiras mulheres Yurok da geração dela a desenvolver diabetes e câncer (conforme está indicado na Genealogia 1). Sarah atribuiu as altas taxas de açúcar no sangue da mãe às condições adversas de vida e aos traumas que ambas sofreram, testemunhando a morte prematura ou a incapacitação de parentes em brigas de bar, acidentes na atividade madeireira ou desastres automobilísticos.

A articulação que Sarah Tsurai faz entre história e corpo, localizando manifestações físicas em contextos sociais, questiona a tradição epistemológica que separa mente e corpo; natural e sobrenatural; espírito e matéria; e mágico e racional. Esta tradição epistemológica é uma construção histórica e cultural, e não uma suposição universal (Scheper-Hughes e Lock 1987: 7). O sistema de relações que Sarah constrói, articulando aspectos do corpo individual, do corpo social e do corpo político, acaba por subverter paradigmas sobre a saúde de índios norte-americanos, sugerindo novas maneiras de ordenar o conhecimento sobre a diabetes e outras desordens.

MARY WO'TEK - “Índios”, diz ela, “são gente feia, muito feia”.

Mary Wo'tek é uma senhora de estatura pequena e frágil, que morava sozinha num trailer às margens do rio Klamath, na Reserva Indígena, Yurok. Quando a visitei pela primeira vez, no inverno de 1995, Mary estava encolhida no chão ao lado de um fogareiro a gás, tentando se aquecer. Latas de cerveja e garrafas de vinho estavam espalhadas pelo chão do pequeno quarto, bem como ao redor do trailer, jogadas ao longo do barranco do rio. Quando perguntei a Mary como ela estava se sentindo, ela murmurou: “Estou com frio, frio, e muito, muito deprimida”.

O que me deixou intrigada sobre Mary Wo'tek, porém, foi sua imagem de corpo, a auto-imagem que a mulher construiu sobre si mesma. Mary não só diz que “gostou” da experiência nos internatos para índios, como também realmente acredita que ela e outros índios mereçam e punição e a discriminação recebida. *Eu chorei as primeiras noites no Sherman Institute, mas logo me recompus. Eu realmente adorava o internato.*

⁽¹⁾O censo de 1852 divulgado por A. Kroeber (1974 (1925): 16) identificou “casas” e “aldeias” Yurok. O termo “casa” foi usado para designar a construção física, enquanto “aldeia” foi definido como “um conjunto de casas”. Waterman (1993 (1920)) e Kroeber (1974), por sua vez, definiram “casa” enquanto um grupo de descendência. Em 1925, Kroeber passou a utilizar “família” para designar um grupo de indivíduos vivendo na mesma unidade doméstica (“household”): Era comum, por volta desta data (1895), uma família possuir duas ou três casas” (1974: 19, minha tradução). Yuroks, que participaram do presente estudo referiram-se a indivíduos enquanto membros da “família”, quando esses indivíduos pertenciam a um grupo de descendência materno, paterno, ou, por vezes, ambos.

As supervisoras eram muito envolvidas com as crianças, elas realmente queriam nos ensinar bons hábitos, como ser limpos e arrumados, e fazer todas as tarefas domésticas. Era tão adorável! Elas faziam questão que nós soubéssemos que Deus é nosso pai no firmamento, e que Jesus Cristo fez muito por nós. O Espírito Santo, claro, é muito importante nas nossas vidas. Nós rezávamos ao acordar, marchávamos antes do café da manhã e agradecíamos a Deus antes de comer. Tive sorte das pessoas se importarem comigo.

A imagem do “índio bêbado”, bem como do “primitivo”, “hipersexuado”, “preguiçoso” e agora o “índio diabético”, é um produto histórico. Mary Wo'tek e outros Yuroks confirmam empiricamente a realidade desta imagem, por causa do lugar que estas percepções ocupam em suas vidas, por suas experiências e convicções, e pelos investimentos pessoais e colectivos que têm sido feitos neste sentido. Sustentadas por teorias genéticas, estas imagens se tornam reais e acabam por formar a auto-imagem dos indivíduos.

JULIA STOWEN - “O sangue revela quem você é”

Julia Stowen é uma enfermeira Yurok, de aproximadamente 60 anos, que conheci num Brush Dance (cerimônia terapêutica para crianças fracas ou enfermas) na Reserva Indígena Yurok em agosto de 1995. À semelhança de outros Yuroks, Julia também responsabilizou o confinamento em internatos para índios, prisões, de segurança máxima, e trabalho forçado na indústria pesqueira, serrarias, fábricas e em casas de famílias de classe alta em San Francisco, como o locus da distribuição de enfermidades. Ao estabelecer estas conexões, Julia delineou um circuito de mecanismos e estabelecimentos disciplinares que transcendem as associações comumente estabelecidas entre elementos do sistema penal americano (Ferreira 1996: 234-251).⁽²⁾ O sangue aparece como o denominador comum de várias instâncias desse circuito, em que representações de saúde e doença são criadas.

Quando perguntei a Annie Stowen por que, na opinião dela, havia tanta gente naquela área com diagnóstico de diabetes (incluindo uma de suas irmãs, duas filhas, duas sobrinhas e um neto, todos indicados na

Genealogia 3), Annie respondeu:

É tudo a mesma coisa. Quando eu fui para o internato, há mais de 70 anos, eles nos faziam entrar em fila para checar nossos absorventes. As supervisoras queriam saber exatamente quando ficamos menstruadas, para poder nos controlar e saber se estávamos nos encontrando com os meninos. Isso era proibido, e o ritual era humilhante. Tínhamos nossos absorventes checados uma vez por mês e depois da menstruação era necessário mostrá-los, branquinhos, às supervisoras. Os absorventes tinham de estar bem esfregados para ficar brancos como a neve. Então agora você vai à clínica. Você ganha um número a esse número trai você. Se você não tem comido bem, quer dizer, um monte de gordura, açúcar, 'junk food', os médicos ficam sabendo. Se você não se exercita muito, anda vendo muita TV, eles sabem também, porque sobe o açúcar no sangue. Então o próprio sangue te trai. Você não vê? É a mesma coisa!

O diagnóstico de diabetes tipo II envolve testes de glicose no sangue e análises de urina. O tratamento exige que o paciente monitore o nível de glicose no sangue duas a quatro vezes por dia, siga dieta rígida e faça exercícios físicos regularmente, entre outras coisas.

“Puro”, “meia-raça”, “quarto de sangue”, e outras frações de indianidades são critérios de identidade comuns a índios e não-índios na Califórnia. Servem para incluir ou excluir indivíduos de certos grupos sociais, e para calcular a probabilidade genética de certo indivíduo desenvolver esta ou aquela doença ao longo da vida. Em certas situações uma porcentagem alta de sangue indígena é vantajosa (para justificar e incapacidades para o trabalho e receber seguro-desemprego, por exemplo) e em outras é uma desvantagem. O “sangue índio” funciona, portanto, como poderoso seletor social. Centenas de indivíduos estão tentando provar que possuem no mínimo um oitavo de sangue Yurok, para ser incluídos como membros da tribo.

De acordo com um adolescente Yurok que conheci em 1996, “alguns são sortudos de ter o sangue (Yurok) mas de não ter a aparência de índio”. Esta condição permite que indivíduos sejam membros da tribo (garantindo-lhes assistência médica e o envio de cestas básicas - enlatados, farináceos, queijo e leite), e ao mesmo tempo evitar a discriminação. À medida que o sangue

⁽²⁾Os internatos para índios norte-americanos são peça-chave da estratégia governamental do século XIX, para punir e disciplinar os povos indígenas. Tais internatos foram criados a partir do “sistema solitário e silencioso de trabalho forçado” (o “Auburn System”), usado nas penitenciárias do país. O superintendente para questões indígenas, Edward F. Beale, propôs, em 1852, que os internatos fossem modelados como as prisões no país: “um sistema de ‘postos militares’ nas reservas (indígenas)... que fossem encarados como reservas militares... um sistema de disciplina e instrução” (U.S. Senate, Executive documents, 33d. Cong., Spec. Sess., doc. 4, pp. 373-374, minha tradução).

índigena se dilui entre e através das gerações, os indivíduos também correm o risco de se tornar “lixo-branco, uma categoria obviamente indesejada para Yurok e não-índios.

Enquanto uma sociedade aristocrática, os Yuroks têm, desde tempos imemoriais, definido o pertencimento à classe Talth, ou “gente das grandes casas”, como aqueles que são donos de um ritual, reza, canção e objetos cerimoniais (Thompson 1991; Pilling 1989). Os Yuroks não levavam a qualidades ou quantidade de sangue indígena em consideração.

A ênfase na quantidade ou qualidade de sangue índio por parte de profissionais de saúde, que apostam em teorias genéticas, também contribui para as concepções que os Yurok produzem sobre o próprio corpo. A crença de que no alcoolismo é genético e, portanto, doença incontrolável que leva à cirrose hepática e, eventualmente, à morte, também é comum entre os Yuroks. O mesmo ocorre com outros males, como a diabetes, e o câncer, igualmente incontroláveis porque “estão nos corpos”, são “genéticos”. Isto é, precisamente, o que um médico na cidade de Eureka, no norte da Califórnia, disse a uma mulher Yurok de 80 anos de idade, que recentemente foi diagnosticada com diabetes. A cegueira e a amputação do pé direito da mulher ela própria, foi por causa do

Meu sangue ruim. Foi isso que o médico me disse. Nós índios temos sangue ruim. Veja bem, por isso que eu bebi tanto em minha vida. Está em mim, no meu sangue. Então não há muito que eu possa fazer. Eu digo sempre para os meus filhos: 'Cuidado com a bebida, porque está no seu sangue! Você acha que eu vou seguir uma dieta rígida e não comer tudo aquilo que eu gosto se está no meu sangue?... Meu filho alcóolatra vai ois cassinos direto. Ele gasta todo o dinheiro do seguro desemprego dele no cassino de Trinidad. Agora, isso você pode dizer que está no nosso sangue, porque nós, índios, sempre gostamos de apostar, jogar baralho de índio, aqueles pauzinhos, sabe?’⁽³⁾

A imagem de corpo Yurok, que inclui concepções de saúde e doença, é comparada por uma “medicine woman” à imagem de corpo que prevalece para instituições do norte da Califórnia:

Para nós, Medicina é muito mais do que aquilo que acontece dentro do corpo. Quando estou dentro daquela arena (onde são realizadas as brus-dances, cerimônias terapêuticas) com uma criança, não é só a cura da doença que está em jogo. O importante é fazer a criança

ficar forte e feliz. Eu trabalho o relacionamento da criança com o mundo, com o Criador e como as pessoas à sua volta.

Se as pessoas têm sentimentos ruins, elas não deveriam vir aqui. As pessoas têm de estar limpas, como eu. Eu jejua por 10 dias para poder entrar naquela arena. Deixo de beber água por 10 dias, só outros líquidos. Você viu aquele aviso perto do portão, que diz: 'Proibido drogas e álcool'? Bem, é uma maneira de indicar a necessidade de se estar limpo... Agora, os hospitais por aqui pensam sobre o corpo de maneira diferente. É uma maneira completamente distinta de se lidar com o mundo, como o Criador, com tudo. O que importa são o seus órgãos e o seu sangue, suas entranhas e não sei o que mais. Te dão um número, um prontuário, uma lista de doenças e uma enorme quantidade de remédios para tomar. Quem você realmente é não faz a menor diferença. Quando eles não conseguem achar o seu nome, fornecem o número de seu CIC ou a data de nascimento, e eles te localizam rapidinho.

Considerações finais

As transformações pelas quais a auto-imagem Yurok têm passado vêm alterando, em grande medida, as relações entre o corpo individual, social e político do povo. Alguns homens e mulheres, como Mary Wo'tek, criam e reproduzem imagens distorcidas sobre o “índio” genérico, a partir do lugar que teorias biogenéticas passaram a ocupar em suas vidas. O corpo individual, neste caso, ocupa uma bio-identidade- a do índio bêbado, doente e criminoso, reconhecido pela probabilidade de adoecer e morrer. É a partir dessas imagens de corpo medicalizado que Mary Wo'tek se relaciona com a sociedade e atribui significados ao mundo em que vive.

Outros, como Sarah Tsurai, são mais conscientes da relação entre corpo e história. As conexões que estabelecem entre corpo e o meio ambiente, entre enfermidades e contextos sociais perversos, questionam o pensamento dualístico da ciência ocidental e da medicina clínica, que opõe corpo e mente, paixão e razão, natureza e cultura, realidade e ficção. Aqui, as concepções de saúde e doença não obedecem leis exclusivas da fisiologia, tampouco escapam das influências de histórias locais e estrangeiras.

Finalmente, as maneiras pelas quais Julia Stowen e outros Yuroks usam o sangue como metáfora para

⁽³⁾O Jogo do Palito (“stick game”) é praticado pelo Yuroks, Karuks, Tolowas e Hupas no norte da Califórnia, no final do “Brush Dance” ou do “Jump Dance”, cerimônias terapêutica e de renovação do mundo, respectivamente.

expressar relacionamentos sociais, iluminam a estreita convergência entre os requerimentos da ideologia política e aqueles da tecnologia médica (Foucault 1975: 38). A estabilidade do corpo político Yurok inclui, agora, a manipulação do quantum sanguíneo para regular o pertencimento à tribo. Este é um mecanismo que acaba disciplinando arranjos familiares, tais como casamentos e adoções. As percepções que os Yuroks têm acerca do corpo vem se tornando um conjunto híbrido de eventos históricos, conhecimentos transculturais e práticas interdisciplinares, que enfatizam relações sociais e a reciprocidade humana. Jimmy James, líder cerimonial que vive na reserva indígena Yurok, expressou estas idéias, em janeiro de 1995, da seguinte maneira:

Essa coisa do sangue, você sabe como os brancos são obcecados com isso. Para ser índio, você tem de ter um quarto, um oitavo de sangue índio. Mesmo se você não pensa como índio, você é índio... Os modernos testes genéticos fazem a mesma coisa, dão uma identidade, dizem quem você é. Mas nós, a Tribo Yurok, estamos num nível diferente, uma realidade distinta. Você sabe que havia lugares para onde os Yuroks não atreviam se aventurar, nem mesmo na imaginação? Estou falando sobre antigamente, quando acreditávamos que no nosso mundo era sustentado por 'redwood trees' (pinheiros gigantes). Bem, entre o céu e a terra havia buracos celestes, por onde os espíritos passavam, para chegar à terra firme novamente... Lugares onde ninguém tinha coragem de conhecer, nem mesmo os espíritos. Mas agora as coisas têm mudado tanto, e nós tivemos que nos organizar sob leis diferentes. Tivemos de mudar nossa maneira de ser. Mas nossa cultura nunca morreu, como os brancos pensam. Por que andamos de carro e vamos ao supermercado? Isto é tão significativo? Nós acreditamos que a nossa organização, sob uma Constituição, significa que atravessamos os buracos celestes e emergimos em outro nível do mundo, em que podemos entender aspectos de diferentes sistemas jurídicos e nos engajar, de maneira decisiva, em todas as práticas cerimoniais, como a Brush Dance, a Juma Dance e as cerimônias de Renovação ao Mundo, que os brancos nos forçaram a abandonar.